

Jornal da Tarde

5/6/1985

O ABC VOLTA AO TRABALHO

A trimestralidade e a redução da jornada voltam à discussão

A indústria automobilística e os sindicatos voltarão a reunir-se para discutir a trimestralidade e a redução da jornada de trabalho, itens ainda pendentes e que se tornaram um entrave ao acordo ainda não assinado entre as partes, embora a produção já esteja normalizada, depois dos entendimentos sobre os índices de reajuste semestral e de produtividade.

Até agora, a indústria automobilística não sabe como repor a produção perdida durante a greve dos metalúrgicos do ABC. Assessores da Ford e da Volkswagen afirmam que as empresas estão dispostas a discutir opções como horas extras e aumento da velocidade das linhas de montagem, entre outras, mas alguns sindicalistas sustentam que as comissões de fábrica já têm posição fechada: não haverá reposição mediante horas extras, pois esse tipo de trabalho elimina novos empregos.

O Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e o Sindicato da Indústria Automobilística (Sinfava) podem reiniciar as conversações sobre a redução da jornada já na próxima semana, segundo Higuiberto Navarro, secretário-geral dos metalúrgicos daquela cidade que aguardam um telefonema da entidade dos empresários "para marcar data e hora" do encontro.

O presidente do sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, Jair Meneguelli (foto), disse que a trimestralidade será discutida entre 8 e 14 de julho, mas a redução deve ser tratada antes, "o mais rápido possível".

Para produzir mais

— Eles podem produzir mais: basta contratar mais gente para trabalhar — sugeriu o diretor de um sindicato de metalúrgicos, ao falar ontem sobre a reposição da produção perdida com a greve no ABC. Ele disse que os trabalhadores estão pedindo a redução da jornada de trabalho, exatamente dentro da perspectiva da criação de mais vagas na indústria, e não pretendem, contraditoriamente, eliminar empregos novos, com mais trabalho extraordinário.

Até agora, só uma das montadoras, a Mercedes-Benz, já tem o problema praticamente resolvido. Decidiu que não haverá reposição da produção perdida.

No total, a indústria automobilística, durante os 54 dias do movimento dos metalúrgicos, deixou de produzir aproximadamente 75 mil veículos, entre automóveis, ônibus e caminhões, com um prejuízo estimado pelos fabricantes em mais de Cr\$ 7 trilhões. A VW chegou a propor a seus funcionários um esquema de reposição em dois turnos, aos sábados, com divisão do trabalho. A proposta foi rejeitada.

Bóias-frias e gatos

O corte de cana foi suspenso ontem, na Usina Junqueira, em Igarapava, divisa de São Paulo com Minas, com os bóias-frias protestando contra as atividades dos gatos, empreiteiros de mão-de-obra rural. Espera-se para hoje a volta à normalidade, pois a usina já concordou em contratar diretamente os 250 cortadores que deram motivo ao movimento de protesto dos cortadores de cana.

Entrou ontem em seu segundo dia a greve dos trabalhadores do açúcar Pérola, envolvendo cerca de 700 empregados das usinas de Santos, Campinas e São Paulo. O presidente do

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação da Baixada Santista, Barnabé Riesco, acredita que, se a paralisação persistir por mais uns dias, poderá faltar açúcar nos Estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná.

Desemprego na Bahia

Na Bahia, a indústria de cerâmica ainda não conseguiu sair da crise que ameaça deixar sem emprego quatro mil trabalhadores do setor. Ontem, faliu a Poty, a maior e mais tradicional indústria de cerâmica do Norte e Nordeste, localizada no centro industrial de Aratu, em Salvador. A Santa Maria, outra empresa de porte médio do mesmo ramo, entrou em liquidação extra-judicial. Outras 25 cerâmicas da Bahia estão ameaçadas pela crise, atribuída ao fato de as construtoras estarem progressivamente substituindo os blocos de cerâmica pelos de concreto, de fabricação própria, promovendo, segundo o presidente do sindicato da indústria, José Laureano Neto, "uma concorrência desleal no retraído mercado da construção civil".

Para José Laureano, a Secretaria da Fazenda da Bahia deveria fiscalizar o transporte dos blocos de concreto, exigindo o pagamento do ICM, a fim de equilibrar a concorrência com as cerâmicas, indústrias que pagam esse imposto. Segundo o presidente do sindicato, todas as fábricas de cerâmica da Bahia estão em péssima situação. Em apenas um mês, além da Poty e da Santa Maria, fecharam muitas outras indústrias pouco conhecidas. As cerâmicas estão trabalhando com capacidade mínima de produção e mesmo assim existem hoje 3,5 milhões de blocos estocados no Estado.

(Página 5)